

NEWSLETTER DA FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTINO VEIGA I Nº 17 I NOVEMBRO 2026

MENSAGEM DO PRESIDENTE

UM NOME, UMA HERANÇA, UMA RESPONSABILIDADE

Esta é a primeira vez que vos escrevo enquanto Presidente da Fundação Carlos Albertino Veiga e não poderia fazê-lo sem reconhecer a dimensão pessoal e emocional que este momento representa para mim.

Ao longo da minha vida tive o privilégio de servir Cabo Verde em diferentes responsabilidades, participando em algumas das transformações mais profundas da nossa história contemporânea, entre elas a construção da democracia, e tendo a honra de assumir as funções de Primeiro-Ministro no primeiro Governo democraticamente eleito do nosso país. Hoje, muitos anos depois, abraço uma responsabilidade diferente, mas com o mesmo sentido de missão.

Carlos Albertino Veiga é meu tio, irmão do meu pai, e uma das referências da minha juventude. Foi em sua homenagem que o meu pai quis que eu herdasse o nome Carlos. Presidir agora à Fundação que transporta o seu nome e procura preservar os valores que marcaram o seu percurso tem, por isso, um significado que ultrapassa largamente qualquer função institucional.

Trata-se de preservar um legado, mas isso não significa viver voltado para o passado. A melhor forma de honrar aqueles que nos antecederam é transformar os valores que nos deixaram em instrumentos para construir o futuro.

É essa a Fundação que quero ajudar a consolidar, próxima das pessoas e das comunidades, capaz de criar oportunidades, mobilizar vontades, aproximar gerações e contribuir para o desenvolvimento de Cabo Verde.

Encontro uma Fundação com trabalho realizado, projetos em curso, parceiros que acreditam na sua missão e uma equipa empenhada. Quero, por isso, reconhecer o caminho percorrido e agradecer particularmente a Paulo Veiga, que me antecedeu nesta responsabilidade.

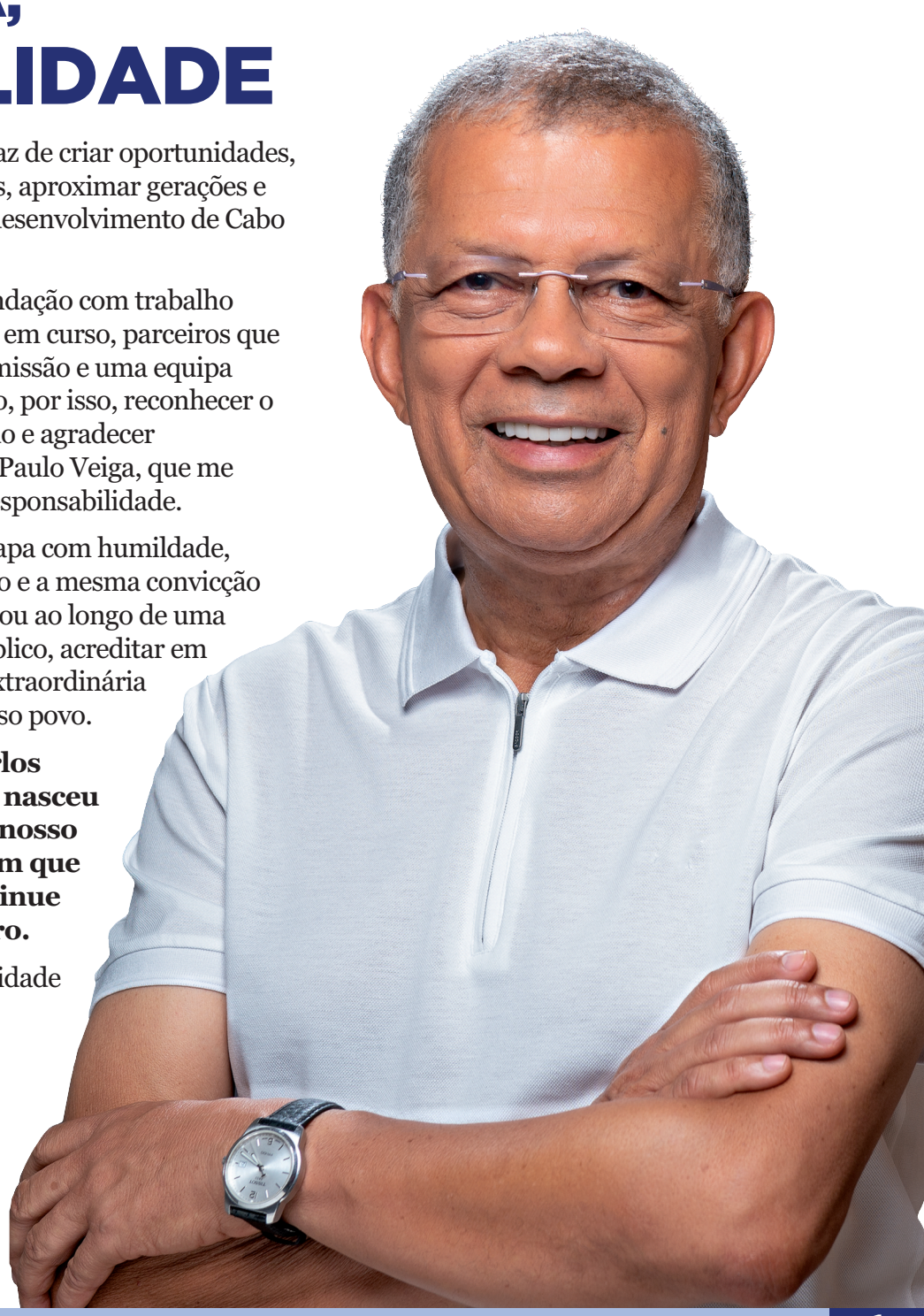
Inicio esta nova etapa com humildade, confiança no futuro e a mesma convicção que me acompanhou ao longo de uma vida de serviço público, acreditar em Cabo Verde e na extraordinária capacidade do nosso povo.

A Fundação Carlos Albertino Veiga nasceu de um sonho, o nosso dever é fazer com que essa sonho continue a produzir futuro.

É essa responsabilidade que agora assumo.

Boa leitura.

Carlos Veiga
Presidente da Fundação Carlos Albertino Veiga



UMA NOVA GERAÇÃO
AO SERVIÇO DA FUNDAÇÃO

ALEXIS DE FIGUEIREDO VEIGA ASSUME FUNÇÕES COMO DIRETORA-GERAL



A Fundação Carlos Albertino Veiga dá as boas-vindas a **Alexis de Figueiredo Veiga**, que assume funções como nova Diretora-Geral, trazendo consigo um percurso construído entre a ciência, a saúde e a gestão, mas também uma ligação profundamente pessoal à história da Fundação.

Neta de **Carlos Albertino Veiga**, Alexis encara esta nova responsabilidade como a oportunidade de dar continuidade a um legado familiar marcado pelo serviço aos outros, transformando-o em ação junto das pessoas e das comunidades.

Com um percurso académico e profissional desenvolvido sobretudo nos Estados Unidos da América, é licenciada em Bioquímica e Biologia Molecular e mestre em Ciências Médicas pela Boston University, e licenciada em Enfermagem pela Northeastern University. O seu percurso passou ainda pela investigação na Harvard T.H. Chan School of Public Health e pela prestação de cuidados de saúde no Boston Medical Center, antes de assumir responsabilidades na área da liderança e gestão de operações.

Para Alexis, esta nova etapa representa sobretudo o encontro entre **legado, propósito e serviço**.

"Esta Fundação tem o nome do meu avô e poder contribuir para a continuidade do trabalho que ele iniciou é, para mim, uma forma muito especial de honrar o seu percurso. Se na enfermagem encontrei uma forma de cuidar de uma pessoa e de uma família de cada vez, através da Fundação tenho agora a oportunidade de levar esse mesmo sentido de serviço a mais pessoas e comunidades. Recebo esta responsabilidade com profunda gratidão, humildade e uma enorme vontade de transformar esse propósito em ações com impacto real na vida das pessoas."

Bem-vinda, Alexis. ■

O MILAGRE SILENCIOSO DAS PRAIAS DA BOA VISTA



Há 25 anos, as tartarugas estavam a desaparecer. Hoje, Cabo Verde é um caso de estudo mundial.

Nesta altura do ano, quem passa de noite pelas praias da Boa Vista pode ter a sorte de ver uma das cenas mais bonitas da natureza, com centenas de tartarugas recém-nascidas a sair da areia e a correr para o mar.

Durante muito tempo isto quase deixou de acontecer. A tartaruga-comum (Caretta caretta) era caçada, os ovos eram apanhados e as praias estavam sem proteção, mas alguma coisa mudou. Um estudo publicado este ano conclui que, em três praias da Boa Vista, o número de tartarugas que vêm desovar aumentou cerca de 80 vezes entre 1998 e 2024. Em 2020, o país bateu um recorde de quase 200 mil ninhos. Hoje, Cabo Verde está no pequeno grupo de lugares no mundo, com a Flórida e Omã, onde mais de dez mil fêmeas vêm desovar por ano.

Não foi sorte. Foram anos de patrulhas noturnas, de leis cumpridas, de voluntários e, sobretudo, de comunidades que perceberam que uma tartaruga viva vale mais do que uma tartaruga morta. É também nisto que a Fundação Carlos Albertino Veiga acredita. Em Praia Baixo, na ilha de Santiago, onde a tartaruga-comum também vem desovar, a Fundação tem trabalhado com a comunidade e com a escola local, através da iniciativa Padrinhos do Mar e do projeto Guardiões da Baía de Praia Baixo. O objetivo é que as crianças cresçam a conhecer, respeitar e proteger o mar que têm à porta. Porque o milagre da Boa Vista começou exatamente assim, com pessoas da terra que decidiram cuidar do que era seu.

É a melhor prova de que proteger o oceano não é uma utopia. Quando um país decide, consegue. A pergunta é: em quantas outras praias estamos dispostos a fazer o mesmo milagre? ■

Foto © DW_Ângelo Semedo



QUANDO A CHUVA CHEGA, CABO VERDE SORRI

Em poucos países do mundo a chuva é tão celebrada. Há uma razão para isso.

Em muitos lugares, a chuva é um incómodo. Estraga planos, molha a roupa, deixa o céu cinzento. Em Cabo Verde é uma festa. Quando as primeiras gotas caem, há quem saia à rua, quem ligue à família na diáspora para dar a notícia, quem olhe para o céu com uma esperança antiga.

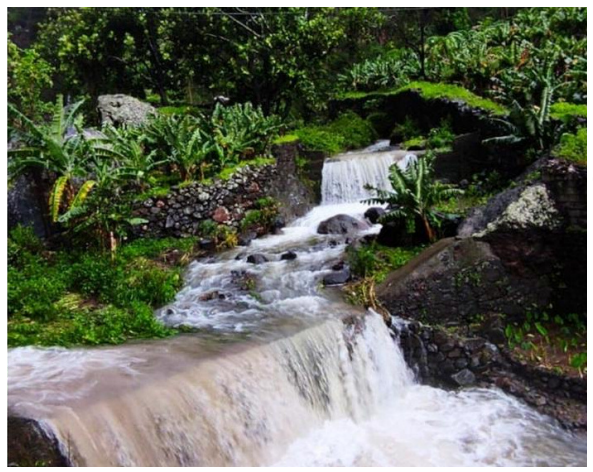
É o tempo das azáguas. Durante semanas, as famílias do interior preparam a terra, semeiam o milho e o feijão e esperam. Se a chuva vier na altura certa e na quantidade certa, haverá colheita, haverá cachupa na mesa e haverá alívio. Se não vier, ninguém precisa de explicar o que isso significa. A memória das secas e da fome ainda vive em muitas famílias cabo-verdianas, contada pelos avós.

Por isso, a alegria da chuva não é ingénua. É a alegria de um povo que aprendeu a viver com pouca água e que sabe bem o valor de cada gota. Também se vê na paisagem: as ilhas que passam a maior parte do ano em tons de castanho ficam verdes de repente, como se o nome do país fizesse, por umas semanas, todo o sentido.

E se a chuva está cada vez mais imprevisível, então as alterações climáticas trazem novos desafios a um país que sempre dependeu dela. Por isso, para a Fundação Carlos Albertino Veiga, a sustentabilidade não é uma moda, é uma questão de futuro. Está no trabalho que fazemos com as escolas, para que as crianças cresçam a perceber o valor da natureza e dos recursos que temos. Está na aposta na economia azul e no oceano como fonte de oportunidades. E está na convicção de que um país pequeno em terra e em água doce pode ser grande na forma como cuida do que tem.

Agora que as azáguas terminam e chega a época da colheita, fica uma lição que vale para lá da agricultura: um país que aprendeu a esperar pela chuva também aprendeu a nunca perder a esperança. ■





Fotos © DW_Sérgio Pires

MORABEZA:
A PALAVRA QUE NÃO SE TRADUZ



Todos a usamos, no entanto, sabemos mesmo o que quer dizer?

Pergunte a qualquer turista o que levou de Cabo Verde. É muito provável que fale do sol, do mar e da música. E quase sempre acaba a falar das pessoas, da forma como foi recebido, do prato que lhe puseram à frente sem pedir nada em troca, ou da conversa à porta de uma casa que não era a sua.

A isso chamamos morabeza. A palavra aparece nos cartazes de turismo e nos nomes de hotéis e restaurantes, e já se tornou quase uma marca do país. Porém morabeza não se vende. É uma maneira de estar no mundo. É receber bem quem chega, mesmo quando se tem pouco. É a mesa que tem sempre lugar para mais um.

Há quem diga que nasceu da necessidade. Num arquipélago de secas, fome e partidas, ninguém sobrevivia sozinho. Partilhar não era só generosidade, era a única forma de resistir. O que começou por ser sobrevivência passou a ser cultura.

Talvez seja a riqueza mais valiosa que temos, e, como todas as riquezas, também se pode perder. Num país que cresce, que recebe cada vez mais visitantes e que corre cada vez mais depressa, vale a pena perguntar se estamos a ensinar morabeza aos nossos filhos?

Na Fundação Carlos Albertino Veiga, acreditamos que sim, que é possível, e que é também essa a nossa missão. A cultura é um dos pilares da Fundação, porque um povo que conhece e valoriza aquilo que é tem mais força para construir o seu futuro. E morabeza está também na forma como queremos trabalhar: perto das pessoas, presentes nas comunidades, com as portas abertas a quem quer fazer parte. Foi esse o exemplo que Carlos Albertino Veiga nos deixou, uma vida ao serviço dos outros.

ORGULHO NACIONAL



LAURYN ROSE TEIXEIRA

UMA VOZ DE 13 ANOS QUE O MUNDO ESTÁ A OUVIR

Jovem de origem cabo-verdiana entre os nomeados para o Prémio Internacional da Paz para as Crianças

Tem apenas 13 anos e já está a ser ouvida no mundo inteiro. Lauryn Rose Teixeira, nascida no Reino Unido e filha de mãe cabo-verdiana, foi uma das 30 crianças selecionadas, entre 250 candidaturas, para a 22.ª edição do Prémio Internacional da Paz para as Crianças, atribuído pela fundação neerlandesa KidsRights a jovens ativistas que lutam pelos direitos das crianças.

É um prémio com história. Entre os vencedores de anos anteriores estão nomes como Malala Yousafzai e Bana Alabed.

O percurso da Lauryn começou cedo. Aos 9 anos escreveu o livro “Lauryn, esta Sou Eu”, onde conta as suas origens, a sua cultura e a sua história. Queria que outras crianças, sobretudo crianças negras, se sentissem vistas e representadas nos livros que leem.

A obra já recebeu várias distinções, incluindo um prémio de Inclusão e Diversidade atribuído pela London Assembly, por desafiar estereótipos sobre o cabelo afro e a identidade negra.

No entanto, a Lauryn não ficou pelas palavras. Tem levado livros e apoio a crianças vulneráveis em Cabo Verde, a terra da mãe, que é também a sua. A candidatura foi apresentada pela associação cabo-verdiana ACRIDES.

O vencedor será conhecido a 19 de novembro. Seja qual for o resultado, a Lauryn já ganhou o mais importante, mostrou que não há idade para mudar o mundo e que a décima primeira ilha de Cabo Verde continua a dar ao país motivos de orgulho.

Parabéns, Lauryn. Cabo Verde torce por ti. ■

Copyright © 2025 Fundação Carlos Albertino Veiga

Avenida Grão-Ducado do Luxemburgo,
Tira Chapéu, CP 7944-009

Praia • Cabo Verde

UM FAROL
DE CABO VERDE

2021 2030 Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável

SOBRE A FUNDAÇÃO

A Fundação Carlos Albertino Veiga tem como missão promover o desenvolvimento social e económico de Cabo Verde, com base nos valores de solidariedade e empreendedorismo, contribuindo para um futuro mais justo para todos os cabo-verdianos.





PARTNERS:

SPONSORS: